

MST E EDUCAÇÃO DO CAMPO: RESULTADOS DE UMA PESQUISA NARRATIVA SOBRE A ESCOLA CHICO MENDES EM HULHA NEGRA/RS

Daniela Gonçalves[1]
Marilei Bento Gonçalves[2]
Alessandro Carvalho Bica[3]
Karina Gonçalves[4]

Círculo de Saber: A história da constituição da Escola Chico Mendes mostra que a educação do campo nasce da luta coletiva do MST, articulando memória, identidade e saberes rurais como fundamentos de uma escola que é, ao mesmo tempo, espaço de resistência e de construção social.

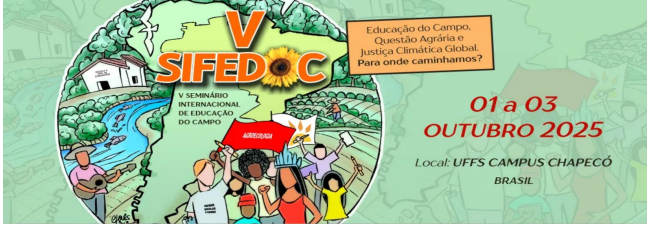
Resumo

Este trabalho resulta de uma pesquisa que teve como objetivo contar a história da constituição da Escola Chico Mendes, vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desde o período dos acampamentos até a efetiva construção da instituição. A partir de uma abordagem qualitativa, estruturada como pesquisa narrativa, foram revisitadas memórias e experiências de participantes, bem como analisados documentos históricos e registros institucionais, permitindo compreender a trajetória da escola e suas práticas pedagógicas. Ao longo da investigação, também se revelou relevante tratar da educação do campo e da escola rural, situando a experiência da Escola Chico Mendes no contexto mais amplo das lutas e conquistas das comunidades camponesas. O estudo evidencia como a instituição se consolidou como espaço de resistência, esperança e construção coletiva, promovendo uma educação comprometida com a realidade dos assentamentos rurais. Ressalta-se ainda a importância da articulação entre educação do campo, agroecologia, cultura camponesa e luta por direitos sociais, destacando a relação entre o Assentamento Santa Elmira e a escola. Nesse contexto, a Escola Chico Mendes emerge como um núcleo de desenvolvimento humano e social, reafirmando a relevância de práticas pedagógicas voltadas à justiça social e à construção de um futuro mais equitativo para as comunidades do campo.

Palavras-chave: Educação do campo; MST; Construção social.

---

[1] Mestranda – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). danielagoncalvesgc@gmail.com
[2] Pedagoga – FAEL. marileibentodasilva2023@gmail.com
[3]Doutor em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. alessandrobica@unipampa.edu.br
[4]Academica de pedagogia – FAEL. 97karinagoncalves@gmail.com



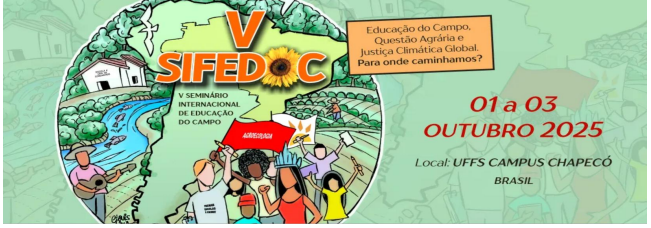
Introdução

A educação do campo representa, historicamente, uma das mais potentes frentes de resistência popular no Brasil, principalmente quando articulada aos movimentos sociais organizados. Esses movimentos, segundo Peruzzo (1998, p. 44-45), apresentam grande diversidade e heterogeneidade, sendo denominados por expressões como *movimentos sociais*, *movimentos coletivos*, *movimentos populares* e *movimentos sociais urbanos*. Essa multiplicidade de nomenclaturas reflete a complexidade de suas atuações na sociedade. Entre esses grupos, destacam-se aqueles envolvidos na luta pela terra, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que busca a reforma agrária e o acesso à terra como meio de produção e sobrevivência.

Nesse contexto, a Escola Chico Mendes, situada no Assentamento Santa Elmira e vinculada ao MST, consolida-se como um espaço pedagógico alternativo, voltado à formação de sujeitos críticos, engajados socialmente e comprometidos com a transformação da realidade. Este artigo é resultado de uma pesquisa anterior que teve como objetivo compreender como a Escola Chico Mendes se constitui e contribui para a emancipação de seus estudantes por meio de práticas pedagógicas fundamentadas na agroecologia, na justiça social e no fortalecimento da cultura camponesa.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a metodologia da pesquisa narrativa, a qual possibilitou contar a trajetória histórica da escola com base em entrevistas com professores, estudantes e lideranças do assentamento, além da análise de documentos institucionais e registros históricos.

A prática educativa da Escola Chico Mendes encontra respaldo no pensamento de Paulo Freire, que afirma: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67). A partir dessa perspectiva,



compreende-se que a escola não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas atuar como um espaço de conscientização, participação política e construção coletiva do saber. Assim, a proposta pedagógica desenvolvida na Escola Chico Mendes constitui-se como instrumento de luta, de valorização das experiências dos sujeitos do campo e de fortalecimento da sua identidade e autonomia.

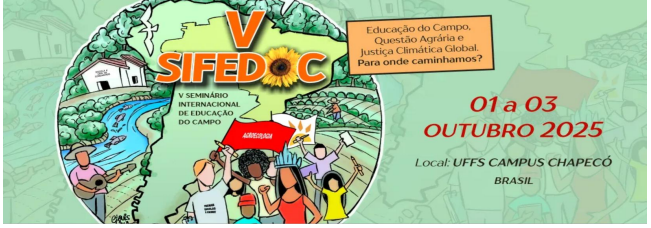
Dessa forma, este artigo propõe analisar a experiência da Escola Chico Mendes como exemplo concreto de uma educação comprometida com a transformação social. Ao articular práticas pedagógicas libertadoras com as lutas dos movimentos sociais, a escola se configura como um espaço de resistência e esperança, contribuindo para a construção de um modelo educacional mais justo e conectado às realidades do campo.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, por compreender que a realidade social e educativa não pode ser reduzida a dados numéricos, mas exige uma análise interpretativa das experiências e significados construídos pelos sujeitos. A pesquisa foi estruturada a partir da metodologia da pesquisa narrativa, a qual se fundamenta no resgate de memórias e histórias de vida para compreender processos coletivos de construção social e educacional.

O campo empírico foi a Escola Chico Mendes, localizada no Assentamento Santa Elmira, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores, estudantes e lideranças comunitárias, que compartilharam experiências e percepções sobre a trajetória da escola. Além disso, procedeu-se à análise documental, envolvendo registros institucionais, atas, relatórios pedagógicos e documentos históricos que retratam a construção da escola desde o período de acampamento até sua consolidação como espaço educativo.

Histórico do Assentamento Santa Elmira



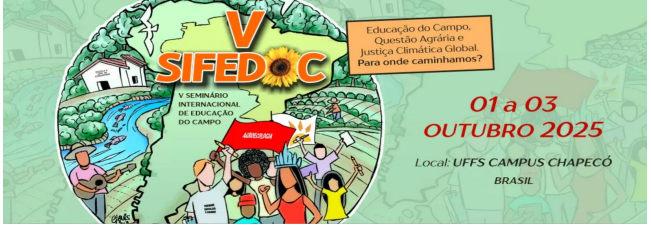
A luta pela terra no Brasil possui raízes históricas profundas, marcadas por desigualdades e conflitos fundiários desde o período colonial. A concentração de terras e a exclusão de trabalhadores rurais motivaram a criação de movimentos sociais do campo, entre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que busca garantir o direito à terra e promover alternativas sustentáveis de produção e organização social (Peruzzo, 1998).

O Assentamento Santa Elmira surgiu a partir da mobilização de famílias majoritariamente oriundas das regiões Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul. Essas famílias, descendentes de pequenos produtores, enfrentaram dificuldades para acessar terras próprias, buscando oportunidades como meeiros ou trabalhadores rurais assalariados. Em dezembro de 1989, cerca de 300 famílias ocuparam terras em Palmeiras das Missões, iniciando um processo de resistência que se expandiu com a união a outros acampamentos, totalizando mais de 600 famílias em marcha.

Durante o período de acampamento, os trabalhadores rurais enfrentaram adversidades naturais e repressão policial, incluindo deslocamentos sucessivos em busca de áreas para habitar e produzir. Um dos episódios mais trágicos ocorreu em 11 de março de 1989, no Massacre da Fazenda Santa Elmira, em Salto do Jacuí. A repressão violenta, com tiros, bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo, feriu diversas pessoas, inclusive crianças, mas reforçou a coragem e a organização coletiva dos trabalhadores, ganhando repercussão nacional e internacional.

Após o massacre, as famílias foram assentadas em uma área destinada pelo governo do Rio Grande do Sul, formalizando o Assentamento Santa Elmira em 14 de maio de 1989. Inicialmente, enfrentaram condições difíceis, como isolamento, estiagem e infraestrutura precária. Entretanto, com o apoio de parceiros como Frei Sérgio Antônio Görgen, as famílias fortaleceram sua organização social e política, promovendo a autonomia e o exercício de direitos por meio da educação popular, em consonância com os princípios de Paulo Freire (Freire, 2000).

Frei Sérgio descreve o MST como “uma pedra de contradição”, ilustrando a polarização social que envolve o movimento. Ele é admirado por sua mobilização e



defesa de direitos, ao mesmo tempo que enfrenta críticas de setores ligados ao agronegócio e à propriedade privada. Essa dualidade evidencia o impacto estrutural do MST na disputa por democratização do acesso à terra e pela promoção da justiça social.

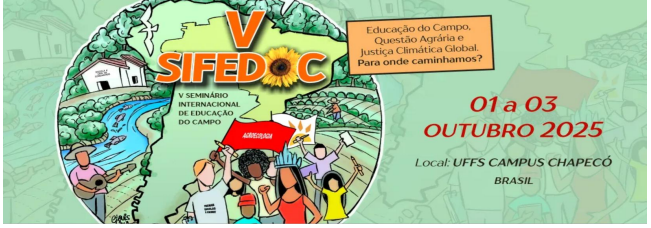
Ao longo dos anos, os moradores de Santa Elmira superaram desafios para construir infraestrutura básica, como estradas, residências, energia elétrica e uma escola. Atualmente, o assentamento é um exemplo de resiliência e solidariedade, com 34 anos de luta e conquistas, consolidando-se como um símbolo de resistência e esperança. A produção agrícola local inclui leite, sementes e hortaliças, demonstrando a capacidade de os trabalhadores rurais construírem autonomia econômica e social.

A trajetória do Assentamento Santa Elmira evidencia a relevância da organização coletiva, da educação popular e da conscientização política como instrumentos essenciais para a transformação social e a garantia de direitos no campo.

Professores, alunos e educação do campo

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Chico Mendes tem suas origens profundamente conectadas à história do Assentamento Santa Elmira, em Hulha Negra, Rio Grande do Sul. Fundada em 1989, surgiu do esforço coletivo de famílias que buscavam garantir um futuro digno para seus filhos. No dia 14 de maio daquele ano, as primeiras famílias chegaram ao assentamento, trazendo consigo o desejo de criar uma escola capaz de atender às necessidades educacionais da comunidade.

O diretor atual, Mariano Gasso, figura central na história da escola, iniciou sua atuação junto aos assentados em 1989, por meio do esporte, e logo se solidarizou com a causa educacional das crianças da região. Como destaca Gasso, "à escola é um marco e permanece sendo um marco, um dos pilares que temos aqui" (Gasso, 2024). A construção da escola envolveu mobilizações comunitárias, arrecadação de materiais e participação ativa das famílias, refletindo um modelo de organização coletiva que é marca do Movimento Sem Terra (MST).



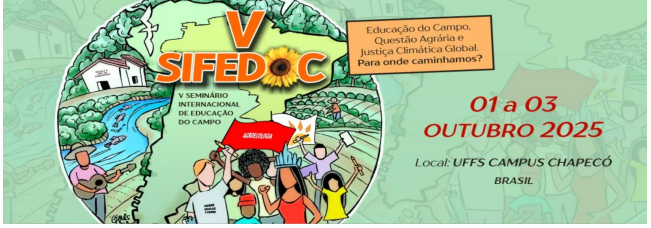
Nos primeiros anos, as aulas eram ministradas por membros da própria comunidade, de forma voluntária, em condições precárias: os alunos levavam seus próprios banquinhos e materiais, e as atividades eram realizadas inicialmente ao ar livre, sob árvores. Posteriormente, um chalé verde foi adaptado como espaço de ensino, até a construção do prédio oficial em 1991. A precariedade estrutural incluía a ausência de merenda escolar e a chegada tardia da energia elétrica, apenas em 1995.

As professoras pioneiras, Rosimar dos Santos e Carmem Terezinha França, enfrentaram grandes desafios para ensinar em um contexto de extrema carência de recursos. De acordo com Silva (2018, p. 30), "a educação é um instrumento de transformação social", evidenciando o papel das educadoras no fortalecimento da comunidade. Entre 1989 e 1991, a escola funcionou como anexo da Escola Arthur Lopes, passando a se tornar independente com a construção do prédio atual.

A década de 1990 foi marcada por mobilizações comunitárias em defesa do direito à educação. Um episódio emblemático ocorreu em 25 de agosto de 1997, quando um ato democrático para reivindicar a contratação de professores resultou na prisão temporária de Mariano Gasso. Esse evento revela os desafios enfrentados pela educação no campo e a criminalização das lideranças, além da marginalização pela mídia local:

> A educação no campo desempenha um papel fundamental na construção da identidade e da autonomia das comunidades rurais. Ela não apenas transmite conhecimentos formais, mas também fortalece os vínculos culturais, sociais e ambientais dos estudantes, promovendo práticas pedagógicas que respeitam suas especificidades e realidade local. (Silva, 2018, p. 45)

Como consequência da mobilização, houve mudanças significativas na política de contratação de professores, garantindo maior continuidade pedagógica e reforçando a gestão democrática da escola. A participação ativa da comunidade é constante, seja em materiais, recursos humanos ou logística de eventos e atividades pedagógicas, consolidando a escola como um espaço de resistência, cultura e formação cidadã.



Atualmente, a Escola Chico Mendes atende crianças de diversos assentamentos vizinhos, incluindo Conquista do Arvoredo, Tchê Guevara, Conquista do Futuro, Banhado Grande, Santa Lucina, Nova União, Meia Água, Boa Amizade, Das Palmeiras, Santo Antônio, Tapete Verde, Missões Alto Uruguai e Passo do Salso. Essa expansão demonstra o impacto regional da instituição e seu compromisso com a educação do campo.

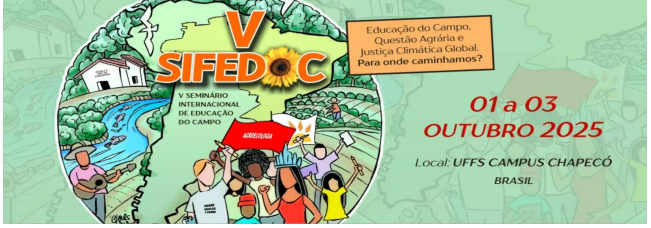
O legado das professoras pioneiras motivou a formação de novos educadores oriundos da própria comunidade, fortalecendo o vínculo entre escola e assentamento. Projetos como hortas agroecológicas, preservação ambiental e conscientização social refletem o compromisso da escola com a transformação social, cultural e ambiental. Como relatou Gislaine de Souza de Oliveira, ex-aluna e atual professora: “A escola busca a inovação sem perder suas raízes, promovendo a conscientização sobre questões agrárias e sociais e fortalecendo a identidade do assentamento. (Oliveira, 2024, p. 12)”

O caso da estudante Kariane Pereira Camponogara, que optou por permanecer no campo após concluir o ensino fundamental na escola, evidencia a efetividade da educação do campo na valorização das raízes socioculturais e na formação de projetos de vida comprometidos com a comunidade local.

Portanto, a Escola Chico Mendes se configura não apenas como instituição de ensino, mas como um espaço de organização coletiva, identidade cultural e emancipação social, seguindo os princípios da educação do campo e a filosofia de Paulo Freire (1987), que vê a educação como processo dialógico, libertador e transformador.

Conclusão

Este artigo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo compreender o papel da Escola Chico Mendes na promoção de uma educação do campo crítica, emancipatória e alinhada à realidade dos sujeitos rurais. A investigação confirmou



que a escola vai além da função tradicional de ensino, ao atuar como espaço de formação de sujeitos conscientes, valorizando a cultura camponesa, o respeito à terra e a vivência comunitária.

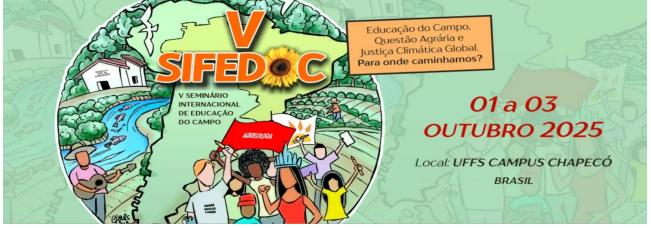
As narrativas colhidas durante a pesquisa evidenciam a forte articulação entre a escola, a comunidade e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), reafirmando a função da Escola Chico Mendes como espaço de resistência, organização social e fortalecimento da identidade coletiva. O resgate histórico de sua trajetória — desde o acampamento até sua consolidação no assentamento — permitiu compreender os desafios enfrentados pelos assentados e a importância simbólica da escola como conquista coletiva.

A partir dessas constatações, conclui-se que a Escola Chico Mendes não é apenas uma escola rural, mas uma verdadeira escola do campo, comprometida com uma pedagogia libertadora e transformadora. Sua atuação demonstra a importância de políticas públicas voltadas à educação do campo, capazes de garantir e ampliar experiências educativas que promovam justiça social, cidadania e dignidade.

Além de seu valor acadêmico, esta pesquisa representou também um processo de reconstrução de memórias pessoais e familiares, dado o envolvimento direto do pesquisador com a realidade investigada. Ao registrar e analisar essa experiência por meio da escrita acadêmica, reafirma-se o papel da educação como instrumento de transformação individual e coletiva.

Assim, respondendo à questão central da pesquisa — *como a Escola Chico Mendes, vinculada ao MST, promove a emancipação de seus alunos* —, conclui-se que essa emancipação ocorre por meio de práticas educativas integradas à vida cotidiana, aos saberes locais e ao trabalho coletivo. Projetos interdisciplinares e parcerias com outras instituições contribuem para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua realidade social e protagonistas de sua própria história.

Referências bibliográficas



FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASSO, Mariano. Entrevista sobre a história da Escola Chico Mendes. Hulha Negra, RS, 2024.

OLIVEIRA, Gislaine de Souza. Entrevista sobre trajetória escolar e educação do campo. Hulha Negra, RS, 2024.

SILVA, José da. *Educação no campo: desafios e perspectivas*. Porto Alegre: Editora Educação, 2018.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Tradução: José Luis de Oliveira Vianna. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PERUZZO, Luiza. **Movimentos sociais e coletivos populares: diversidade e atuação social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.